

Entre os Mortos: Narrativas de Profissionais que Trabalham com Cadáveres¹

Josilene Rocha VELOSO²

Mariane de Oliveira MANSUIDO³

Suely Alves de MELO⁴

Tiago Vicente Rodrigues de MELO⁵

Wagner Barge BELMONTE⁶

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

RESUMO

O livro-reportagem “Entre os mortos: narrativas de profissionais que trabalham com cadáveres” narra o cotidiano de tanatopraxistas, promotores de funerais, sepultadores e médicos legistas – trabalhadores que lidam constantemente com a morte e a representação física dela: o cadáver. A partir de conceitos do jornalismo literário, como a profundidade na construção dos relatos e a humanização, a obra buscou não só descrever os ambientes de trabalho e as funções desempenhadas por esses profissionais, mas também discutir questões como os motivos que os levaram à escolha desses ofícios, a influência de suas ocupações nas relações familiares, os desafios que eles enfrentam – que vão desde as cargas horárias intensas até o preconceito – e a forma como eles enxergam a morte em suas vidas pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; narrativas; morte; cadáveres; profissionais.

1 INTRODUÇÃO

O livro-reportagem “Entre os mortos: narrativas de profissionais que trabalham com cadáveres” apresenta um assunto segregado não somente no campo editorial, mas também no acadêmico. Escrever sobre um tema que envolve um universo tão peculiar como o é o da morte não é uma tarefa simples. E com os trabalhadores que lidam com cadáveres não é diferente. Informar sobre a vida daqueles que encaram a morte, cotidianamente, abre portas para uma discussão mais ampla, além de proporcionar uma visão diferente daquela que é exposta na grande mídia, já que o intuito é dar voz a quem não está nos holofotes.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

² Aluna líder do grupo e recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2014), e-mail: josilenerv@gmail.com.

³ Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2014), e-mail: marianemansuido@hotmail.com.

⁴ Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2014), e-mail: smlimelo@gmail.com.

⁵ Recém-graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (2014), e-mail: jor.tiagomelo@yahoo.com.br.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: wagnerbelmonte@yahoo.com.br.

A obra apresenta pessoas que cumprem funções fundamentais tanto para aqueles que se despedem da vida, cuidando dos corpos destes, como para os que ficam. É sobre estes profissionais, que estão dispostos a dedicar horas de seus dias em cuidados com o outro – seu semelhante, mas, ao mesmo tempo, desconhecido –, que este trabalho se propõe a falar.

Muitos estão no ramo há décadas, outros, em início de carreira. Alguns são apaixonados pelo que fazem, seguiram o ofício por vocação, por influência da família. Há também os que entram no setor por estar sem emprego, e até há quem vê o trabalho como uma missão a ser cumprida. Independentemente do motivo pelo qual entraram na área ou do tempo de experiência, essas pessoas são tocadas a todo momento pela dor do outro e entendem que os corpos sem vida com os quais lidam pertenceram a seres com uma identidade, uma história, e que por isso merecem cuidado e respeito.

2 OBJETIVO

O livro-reportagem “Entre os mortos” nasceu com o objetivo de narrar, a partir de preceitos do Jornalismo Literário, o dia a dia de quatro tipos de profissionais que lidam constantemente com cadáveres: tanatopraxistas, promotores de funerais, sepultadores e médicos legistas.

A ideia era contar as histórias de profissionais que não costumam ganhar espaço na mídia e que embora se façam presentes na vida da maioria das pessoas em algum momento ainda são vistos socialmente envoltos em estereótipos. Tentou-se construir, assim, uma narrativa que teve como valores máximos a profundidade e a humanização. Dão vida às páginas do livro profissionais que revelam o que pensam e sentem em relação a seus trabalhos, que relatam experiências positivas, negativas e curiosas, e que falam sobre a forma como veem a si mesmos e como acreditam ser vistos.

Espera-se que este livro seja capaz de ajudar a preencher uma lacuna deixada pela imprensa periódica, trazendo uma nova visão sobre estes profissionais, construída a partir do contato com diversos aspectos da realidade deles, além de uma reflexão sobre a forma como a morte e tudo que é ligado a ela costumam ser encarados.

3 JUSTIFICATIVA

Falar de algo que envolve a morte é tocar em um tema tabu na sociedade ocidental contemporânea. Isso, porque como revelam estudos de autores como Philippe Ariès (2012), Clarissa de Franco (2010) e Maria Júlia Kovács (2005), a expansão da ciência e da tecnologia, ocorrida especialmente do século XX para cá, levou o homem a criar uma falsa ilusão de que poderia prolongar a vida infinitamente.

Com hospitais cada vez mais equipados, médicos especialistas e diversas maneiras de se permanecer jovem por mais tempo, as pessoas deixaram de aceitar sua finitude como algo natural e passaram a vê-la como uma anormalidade, uma "aberração" (FRANCO, 2010). É como se morrer fosse um símbolo de fracasso, da incapacidade humana. Por isso a sociedade ocidental contemporânea evita falar da morte, pensar nela.

Diante deste tabu, o grupo desenvolveu grande interesse sobre o cotidiano de quem precisa lidar todos os dias com a morte e a representação física dela – o cadáver –, de quem tira dela sua sobrevivência e a de sua família.

Entre os desafios que esses profissionais enfrentam estão os baixos salários, em especial de tanatopraxistas e sepultadores, cujos pisos salariais no Brasil em 2014 não chegavam a mil reais; as cargas horárias intensas, com escalas que frequentemente mesclam trabalho diurno e noturno; o custo emocional alto, pelo constante contato não só com cadáveres, mas também com as pessoas que vivem a dor de uma perda; e o preconceito, já que os profissionais que trabalham com cadáveres são constantemente vistos como pessoas “frias”, capazes de se acostumarem com a morte, a ponto de não se sentirem mais tocadas pela perda alheia. Estas informações, no entanto, pouco aparecem em produtos jornalísticos.

A importância que esses trabalhadores dão a qualquer sinal de agradecimento vindo da família de um morto, o carinho e respeito pelos cadáveres e o orgulho deles em saberem que exercem profissões que muitos não teriam coragem de exercer também não costumam ser citados nas notícias veiculadas na mídia.

Geralmente, as matérias que falam de profissionais que trabalham com cadáveres são curtas e restritas às principais funções desempenhadas por esses trabalhadores e ao relato de algum caso curioso. Falta material produzido por jornalistas que aborde de forma aprofundada os vários aspectos que envolvem o exercício de atividades como as dos tanatopraxistas, promotores de funerais, sepultadores e médicos legistas. Narrativas e reportagens que despertem reflexão, mostrem os desafios e as recompensas de transformar

em meio de vida o que é tabu para muitos, revelem como as escolhas profissionais dessas pessoas afetam suas vidas pessoais e, principalmente, o quanto esses trabalhadores podem ser sensíveis diante da dor do outro.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para elaborar um livro-reportagem que narrasse o cotidiano de profissionais que trabalham com cadáveres, o grupo optou pelo modelo de pesquisa exploratória, que visa "proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses" (GIL, 2009, p. 41). Como aponta Antonio Carlos Gil (2009), este tipo de pesquisa normalmente envolve três passos: levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos. No caso do presente trabalho, todos os itens foram seguidos.

A equipe leu diversas obras sobre a função de um livro-reportagem e a linguagem mais apropriada para este tipo de produto, casos dos livros *Páginas Ampliadas*, de Edvaldo Pereira Lima (2009), e *Jornalismo Literário*, de Felipe Pena (2008). A segunda etapa focou na leitura de livros-reportagem que serviram de exemplos para a elaboração do produto final, e teve como principais referências em termos de estilo os livros *Hiroshima*, de John Hersey (2002), e *O Livreiro de Cabul*, de Asne Seierstad (2006), ambos pela humanização, ou seja, o ato de "colocar o ser humano em primeiro plano" (LIMA, 2009, p. 359).

Depois de muita pesquisa, o grupo escolheu as profissões tanatopraxista, promotor de funerais, sepultador e médico legista. A maioria dos profissionais foi entrevistada em seu ambiente de trabalho, o que foi fundamental para observar a aparência dos locais onde eles passam a maior parte do tempo, sentir os odores com os quais eles convivem, ver objetos usados na realização de suas atividades, o modo como se relacionam com os colegas, e como a quantidade de trabalho é imprevisível.

As entrevistas com os personagens foram não-diretivas, ou seja, as perguntas eram feitas de acordo com o andamento da conversa com as fontes, sem o estabelecimento de um roteiro rígido. Como explica Severino (2007), neste modelo,

O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações. (SEVERINO, 2007, p. 125).

Ao todo, foram selecionados 15 profissionais, sendo quatro tanatopraxistas, cinco promotores de funerais, três sepultadores e três médicos legistas. Este número permitiu ter uma visão ampla de cada uma das profissões, já que foram entrevistados desde trabalhadores que estão começando até alguns com décadas de experiência. Com esta amostra, também foi possível identificar diferentes motivações que levaram essas pessoas ao trabalho com cadáveres, como vocação, influência familiar e busca por estabilidade – quando se trata de um cargo público.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro-reportagem “Entre os mortos” foi dividido em quatro capítulos, com quatro grandes reportagens, cada uma dedicada a uma profissão (tanatopraxistas, promotores de funerais, médicos legistas e sepultadores), e escrito, na terceira pessoa, sob os preceitos do jornalismo literário, gênero que privilegia, por exemplo, a riqueza de detalhes e a humanização dos personagens.

O livro aborda as razões que levaram os 15 profissionais entrevistados a essas atividades, muitas vezes vistas com preconceito, e o relacionamento deles com familiares, amigos e desconhecidos. Além disso, traz curiosidades, desafios, situações inusitadas e angústias diante da dor alheia vivenciadas cotidianamente no exercício de suas funções, e revela, no final das contas, o grande respeito que estes trabalhadores têm pelo ser humano, pela vida e pelos mortos.

No primeiro capítulo, intitulado “Um rosto sereno para os mortos”, o leitor é apresentado aos tanatopraxistas, um tipo de agente funerário especializado na técnica da tanatopraxia, que consiste na higienização e conservação de um corpo morto, pela substituição dos fluidos deste por produtos químicos. O método serve também para dar ao defunto um aspecto mais natural, relativamente próximo ao que ele tinha em vida. O capítulo conta as experiências de quatro destes trabalhadores e tem como protagonista a jovem Ingrid Rocha, de 24 anos, que desde a adolescência, desejava trabalhar com cadáveres e sonha em ser perita criminal.

“Antes de dizer adeus” é o título do segundo capítulo, que traz os promotores de funerais, pessoas pagas para cuidar de toda a organização de um rito fúnebre, da documentação até possíveis homenagens personalizadas durante o enterro – como contratar

um helicóptero para fazer “chover” pétalas de rosas sobre os convidados. Cinco personagens compõem esta reportagem, conduzida pela história da dona de uma Assessoria Funerária, Maria Aparecida, de 59 anos, que há mais de 30 dedica-se ao setor.

Três sepultadores protagonizam o terceiro capítulo, chamado “O cemitério como escola”, entre eles Hugo Guedes, um nordestino gentil e prestativo, de 56 anos, que entrou no ramo funerário por influência de um tio. Quando veio para São Paulo, ainda na adolescência, o primeiro passeio que fez na cidade foi visitar um cemitério. Hugo tem por costume acompanhar os visitantes e contar-lhes histórias sobre a necrópole.

Já o quarto e último capítulo, “Quando o morto ensina”, é dedicado aos médicos legistas. Dentre os três personagens selecionados para esta reportagem, destaca-se Daniel Muñoz, professor de medicina legal, ética médica e medicina social e do trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Muñoz é um dos médicos legistas mais importantes do Brasil. Entre os trabalhos que realizou na profissão, a qual nunca havia lhe passado pela cabeça seguir, está a identificação dos restos mortais do médico nazista Josef Mengele, conhecido como o “Anjo da morte”, por fazer experiências com prisioneiros no campo de concentração de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial.

O formato livro-reportagem veio ao encontro da proposta do grupo, desde o início do projeto, de mergulhar no universo desses trabalhadores que dedicam longas horas de seus dias a cuidar dos corpos de pessoas desconhecidas. Por meio de densa apuração jornalística, foi possível trazer à cena esses personagens esquecidos pelo jornalismo factual ou noticiados, quase sempre, de forma rasa, sem deixar margens para a reflexão.

Quase todas as entrevistas foram realizadas nos próprios ambientes de trabalho destes profissionais, localizados em São Paulo e Grande São Paulo – como cemitérios, clínica de conservação de cadáveres e Superintendência da Polícia Técnico-Científica do Estado de São Paulo. Isto foi importante para ambientar as histórias, outro aspecto do jornalismo literário. Descrições dos espaços visitados, dos cheiros, dos objetos, das paisagens, além das características físicas dos personagens, dos gestos e das emoções que deixaram transparecer no momento de certos relatos estão minuciosamente detalhadas no livro, que foi finalizado com 160 páginas. Ainda neste sentido, em relação às vozes dos personagens, o grupo optou por utilizar os diálogos, que favorecem a fluidez da leitura, além da visualização das cenas, em detrimento das aspas.

Enriquece também as reportagens de “Entre os mortos” o fato de alguns procedimentos terem sido acompanhados pelo grupo, como a tanatopraxia de um corpo e uma cerimônia de cremação, como ilustra o trecho a seguir:

“A primeira tarefa do dia é a tanatopaxia de um homem de aproximadamente 180 quilos [...] Para realizá-la, a jovem coloca o avental branco, luvas, mangotes (mangas de plástico) e máscara. Tudo para evitar qualquer contato com as bactérias do morto.” (p.17).

Além disso, como forma de complementar as narrativas, foram selecionadas e inseridas ao final de cada capítulo fotografias, em preto e branco, devidamente legendadas, de parte dos personagens e seus ambientes de trabalho. Ao todo, são 22 imagens.

Vale destacar, ainda, que antes de partir a campo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre cada uma dessas profissões, que aborda aspectos como suas origens e as atribuições de cada uma. Paralelamente, foi traçado um panorama sobre a realidade delas no Brasil, sob vários aspectos: salarial, escolar, nicho de mercado e, até mesmo, herança cultural.

6 CONSIDERAÇÕES

Escrever um projeto e um livro sobre profissionais que trabalham com cadáveres é desafiador e envolve duas questões importantes. A primeira está relacionada ao fato de que uma obra com este teor anda na contramão do jornalismo factual, que trata o tema “morte”, no qual se inserem estes trabalhadores, de forma superficial. A pauta, neste sentido, é sempre sobre tragédias, assassinatos, que no dia seguinte são esquecidos porque outro crime ou acidente vai ocupar as telas da TV e as páginas dos jornais, e assim sucessivamente. A consequência disto é a não reflexão sobre o assunto.

A segunda questão diz respeito à quebra de preconceitos. Ao abordar um tema considerado tabu na sociedade ocidental – e quem afirma são os estudiosos que dialogam com o projeto que deu vida ao livro, como historiadores, sociólogos e psicólogos –, o livro rompe com esta barreira, revelando um cenário carregado de sensibilidade, humanidade e respeito pelo outro, vivo ou morto.

Além disso, ao se debruçar sobre o universo desses personagens e suas atividades, em um grande trabalho de apuração e reportagem, “Entre os mortos” mostra que é possível discutir, informar e refletir, de forma profunda e envolvente, sobre pessoas que têm na

morte um meio de sobrevivência – muitas delas apaixonadas e orgulhosas pelo que fazem. O tema é denso, mas a leitura é agradável e indicada para todos os públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias** / Trad. Priscila Viana. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico**. – Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 12. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

HERSEY, John. **Hiroshima**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte**. Psicol. cienc. prof. [online]. 2005, vol.25, n.3, pp. 484-497. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932005000300012&script=sci_arttext> Acesso em: 29 Set. 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SEIERSTAD, Asne. **O Livreiro de Cabul**. Tradução Grete Skevik. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.